

PANDEMIA. POESIA E MEMENTO

MORI:

**IMAGENS DA TUBERCULOSE NO POEMA OS
DOENTES DE AUGUSTO DOS ANJOS (1900-1920)**

DANILO LINARD* 

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FORTALEZA - CEARÁ - BRASIL

RESUMO

Nosso trabalho almeja problematizar e discutir os modos através dos quais o poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914) representou a tuberculose nos versos de um de seus poemas, intitulado *Os Doentes*, incluído na primeira edição de seu único livro, *Eu*, publicado na cidade do Rio de Janeiro em 1912. Através de nossa análise, tentamos compreender os sentidos históricos que seus versos expressam na medida em que elaboram tais representações literárias.

Palavras-chave: Poesia; Augusto dos Anjos; Tuberculose.

ABSTRACT

This paper aims to problematize and discuss the ways in which the poet Augusto dos Anjos (1884-1914) represented tuberculosis in the verses of one of his poems, entitled *Os Doentes*, included in the first edition of his only book, *Eu*, published in the city of Rio de Janeiro in 1912. Through our analysis, we try to understand the historical meanings that his verses express as they elaborate such literary representations.

Keywords: Poetry; Augusto dos Anjos; Tuberculosis.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e especialista e graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: linard.danilo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em nosso tempo presente marcado pela pandemia da COVID-19 (enfermidade causada pelo SARS-CoV-2) desde fins de 2019, que já infectou globalmente mais de 177 milhões de pessoas, somando mais de 3 milhões de vítimas, 498 mil destas aqui em nosso país, até o presente momento, como indica o painel de acompanhamento em tempo real elaborado pela Universidade *Johns Hopkins*¹, sugerir a leitura da poesia de Augusto dos Anjos (1884-1914) parece algo não recomendável, e, até mesmo, desconfortável ou desnecessário.

Parte da poesia de Augusto dos Anjos foi colhida em seu único livro, intitulado *Eu*, publicado na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1912. A segunda edição, já póstuma, veio a público na Paraíba e foi organizada por Órris Soares (1884-1964), no ano de 1920. Este livro acabou rendendo renome ao poeta, o qual passou a ser rotulado como *Poeta da Morte*.

Sem dúvida, há elementos suficientemente fortes em sua poesia que dão certa razão ao rótulo que lhe foi atribuído. Sua poesia publicada em livro apresenta imagens tétricas, um universo soturno, habitado por pessoas doentes, por cadáveres, vírus e bactérias as mais distintas. Soma-se a isso o fato de Augusto dos Anjos ter falecido muito jovem, tornando-se verdadeiro *lugar-comum* atribuir a tuberculose como sua *causa mortis*. Entretanto, a atividade de Augusto dos Anjos com a poesia, assim como com outras formas de escrita (entre elas a crônica e a escrita epistolar) nos permite compreender outros sentidos presentes em sua atividade mimética, para além daquele rótulo.

Para a discussão que nos ocupa aqui, selecionamos um dos poemas de Augusto dos Anjos intitulado *Os Doentes*. Esse texto poético foi publicado já na primeira edição do *Eu*, em 1912². É um poema longo, bastante expressivo e muito significativo dentro da produção anjosiana, ao lado de textos como *Monólogos de uma Sombra* e *As Cismas do Destino*. O poema *Os Doentes* é dividido em nove partes e apresenta ao leitor um passeio noturno do *eu lírico* por uma cidade indeterminada. Nesse passeio, vemos lugares e personagens marginais, como a *prostituta*, os *morféticos* e *bêbados*. Para nossa presente análise, selecionamos a terceira parte desse poema na qual estão representados, em 15 estrofes, o tuberculoso e a doença que o aflige.

¹ Para o acompanhamento desses e de outros dados, acessar o link <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> Acesso: Jun. 2021.

² Para as citações do poema que faremos aqui, tomaremos como base a edição ANJOS, A. dos. *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2011.

Tal como indicou Reinhart Koselleck³ ao propor algumas categorias para a análise historiográfica, os fenômenos inscritos no mundo social e histórico terminam estabelecendo ramificações com *experiências* passadas, acumuladas no presente, como também, elaboram *expectativas* diversas em relação ao futuro. Consideramos, portanto, que as doenças, as epidemias e pandemias, assim como a própria morte, ainda que sejam fenômenos biológicos, inserem-se na historicidade que marca o universo humano. Por esta razão, tais fenômenos já foram (e ainda são) ressignificados das mais variadas formas, constituindo ritos, símbolos, espaços e práticas distintas no tempo e no espaço, carregando consigo características inerentes aos estratos temporais nos quais ocorrem.

Tais fenômenos terminaram sendo transformados em objetos de estudo, analisados por diversos autores com os quais dialogamos, direta ou indiretamente, tais como: Philippe Ariès⁴, que se propôs analisar as atitudes dos homens em face da morte no seio da cultura ocidental; Fernando Catroga⁵, cuja análise se voltou para a constituição dos espaços cemiteriais e seus significados, num esforço analítico semelhante ao de Antônio Mota⁶; José de Souza Martins⁷, por sua vez, que organizou um livro no qual olhares distintos tentam compreender o fenômeno morte em nossa sociedade; Flávio Edler⁸, por seu lado, buscou analisar historicamente o desenvolvimento das práticas farmacológicas no Brasil. Por fim, a ensaísta Susan Sontag⁹ se propôs analisar como as doenças, tais como AIDS, câncer e mesmo a tuberculose, terminam adentrando no imaginário social, transformando-se em metáforas para nossa vida. Certamente, esses são apenas alguns dos autores referenciados que se dedicaram a analisar o fenômeno da morte e das doenças.

Na tipologia proposta por Ariès¹⁰, em fins do século XIX e na virada para o século XX (e ao longo deste) criou-se uma sensibilidade na qual as temáticas da morte tornaram-se um assunto *interditado*, ou seja, algo que se procura *ocultar*, dissimular seus sinais, sua presença.

³ Sobre tais categorias, conferir KOSELLECK, R. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto: PUC-RIO, 2006. e KOSELLECK, R. *Estratos do Tempo: Estudos Sobre História*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto: PUC-RIO, 2014.

⁴ ARIÈS, P. *História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Editora NovaFronteira, 2012.

⁵ CATROGA, F. *O Céu da Memória: Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra, Editora Livraria Minerva, 1999.

⁶ MOTTA, A. *À Flor da Pedra: Formas Tumulares e Processos Sociais nos Cemitérios Brasileiros*. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2009.

⁷ MARTINS, J. de S. *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo. Editora HUCITEC, 1983.

⁸ EDLER, F. C. *Boticas & Farmácias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Casa da Palavra, 2006.

⁹ SONTAG, S. *A Doença como Metáfora*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984.

¹⁰ ARIÈS, 2012, p.84-98.

Em meio a sensibilidades como essa, caracterizada por Ariès, como a poesia de Augusto dos Anjos se propõe tratar exatamente de uma temática *interdita*? Quais os sentidos históricos que suas representações sobre doenças, como a tuberculose, e sobre a morte e o morrer, expressam? É esse ponto que discutimos nas páginas que se seguem a partir de um diálogo com a poesia.

Para o desenvolvimento de nossa análise, dividimos nossa discussão em dois momentos. Na primeira seção, intitulada *Os Corpos Mortos e Doentes na Poesia de Augusto dos Anjos: Breves Considerações*, procuramos apresentar ao leitor alguns elementos característicos da poesia de Augusto dos Anjos, apontando algumas de suas temáticas e traços estilísticos. Nesse movimento, apontamos que mesmo que a presença de temáticas macabras em sua poesia seja inegável, tal presença, além de não ser exclusividade de sua prática, torna-se mais inteligível quando compreendida a partir de uma perspectiva historiográfica.

Em nossa segunda seção, *Imagens da Tuberculose nos Versos do Poema Os Doentes*, voltamos nossa atenção para a terceira parte desse poema, momento no qual propomos a análise das imagens acerca da tuberculose e daquele que padecia por conta dessa doença. Nosso intuito foi identificar e discutir os sentidos históricos presentes nas 15 estrofes que compõem essa parte do poema.

Por fim, tecemos algumas considerações acerca da proposta de análise aqui apresentada, de modo a observar e analisar os objetivos perseguidos e os resultados alcançados, ao mesmo tempo em que desejamos contribuir de algum modo no campo de discussão que se volta sobre a historicidade das doenças, das práticas de cura e da própria morte a partir de um diálogo entre história e poesia.

OS CORPOS MORTOS E DOENTES NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS: BREVES CONSIDERAÇÕES

O poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914) tradicionalmente tem seu nome associado aos temas da morte, dos corpos doentes e mortos. Tal associação, por sua vez, não é sem razão, haja vista a forma e o conteúdo de seus versos publicados, no ano de 1912, em seu único livro, intitulado *Eu*. No ano de 1920, veio a público uma segunda edição, já póstuma, intitulada inicialmente *Eu (Poesias Completas)*. Alguns dos textos então acrescentados nessa

segunda edição foram considerados inéditos (alguns, de fato, eram) e convencionou-se aí o padrão para as publicações posteriores desse livro de versos que atualmente intitula-se *Eu e Outras Poesias*.

A associação dos versos de Augusto dos Anjos com temáticas soturnas, mórbidas, deriva, como dissemos, da forma e do conteúdo dos textos poéticos compilados nesse livro, em suas duas edições. Contudo, as atividades e experiências desse poeta com os versos não se limitam aos textos compilados e publicados nesse livro. Escrevendo desde cedo, tendo iniciado, aproximadamente, por volta de 1901, Augusto dos Anjos produziu centenas de textos poéticos, a maioria destes distantes da estética e temática presentes em seu único livro.

Outros textos de Augusto dos Anjos, para além do *Eu e Outras Poesias*, encontram-se no volume de sua *Obra Completa*¹¹, organizada por Alexei Bueno. Integram esse volume sua correspondência passiva e suas crônicas. A leitura desses textos em prosa e verso, *esquecidos* e/ou *circunstanciais*, não colhidos em livro, nos permite compreender que sua atividade mimética não se configurou como um *projeto* único, contínuo.

No geral, havia diversidade temática em sua poesia, ainda que a temática da morte e dos corpos doentes esteja bem clara nos textos selecionados para integrar seu livro. Cabe ressaltar que a dedicação de Augusto dos Anjos na escrita de poemas era contínua, desde 1901, mas a ideia de publicar seus versos como livro não foi um projeto sempre perseguido¹². Isto significa dizer que a incorporação, em seus versos, de elementos ou temáticas consideradas mórbidas, não aconteceu, necessariamente, em *bloco*, numa *fase*. Os textos mais *sombrios* intercalavam-se, em grande parte, com textos poéticos cuja estética diferia daquela publicada em livro, alguns se aproximando até mesmo da estética romântica.

Para além da temática fúnebre, que pode causar desconforto para certos leitores, há a utilização de um jargão técnico, científico/cientificista. Um dos traços do século XIX foi o desenvolvimento científico e a influência da ciência em diversas dimensões da vida em sociedade. O *cientificismo*¹³ configurou-se como uma confiança ingênua ou exacerbada (não

¹¹ BUENO, A. (Org.). *Augusto dos Anjos: Obra Completa*. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1994.

¹² O projeto de publicar o livro ocorreu alguns meses antes da publicação efetiva, como atestam algumas cartas: In. BUENO, A. (Org.). *Augusto dos Anjos: Obra Completa*. Editora Nova Aguilar, 1994, p.734-735.

¹³ Entre diversas obras que traçam panoramas interessantes sobre a influência dessa corrente de pensamento em nosso país podemos citar NAXARA, M. R. C. *Cientificismo e Sensibilidades Românticas: Em Busca do Sentido Explicativo para o Brasil no Século XIX*. Brasília. Editora UNB, 2004; SCHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

muito distante do positivismo), que atribui à ciência um poder quase *absoluto*, justificando (ou desembocando em) posturas deterministas, tanto de um ponto de vista biológico, quanto geográfico, ambas posturas já superadas atualmente.

Há ainda em seus versos referências aos deuses e personagens das religiões orientais, como também de narrativas mitológicas. Esse traço estilístico, ritmado por uma métrica bem marcada, passou a caracterizar tanto sua poesia quanto Augusto dos Anjos enquanto indivíduo. Curiosamente, por conta de sua estética e temática, seu livro foi incluído na biblioteca da Academia Nacional de Medicina.

Não é raro vermos uma transposição das características presentes em seus versos para Augusto dos Anjos enquanto sujeito que os escreveu¹⁴, ignorando demasiadamente as distâncias existentes entre a *obra* e o sujeito que escreve. Vejamos, por exemplo, um de seus poemas, intitulado *Budismo Moderno*, publicado na primeira edição do *Eu*:

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte
 Minha singularíssima pessoa.
 Que importa a mim que a bicharia roa
 Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
 Também, das diatomáceas da lagoa
 A criptógama cápsula se esbroa
 Ao contato de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida
 Igualmente a uma célula caída
 Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades
 Fique batendo nas perpétuas grades
 Do último verso que eu fizer no mundo!¹⁵

¹⁴ Exemplo disso é o prefácio da segunda edição do *Eu*, escrito por Órris Soares (1884-1964), que também é o organizador dessa edição. No prefácio, Órris escreve: “Foi magro o meu desventurado amigo, de magrem esquelética – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada. Sua boca – um corte macabro – fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristura e nos lábios uma crispação de demônio torturado”. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7656>>. Acesso: jan. 2020.

¹⁵ ANJOS, A. dos. *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2011, p.118.

Como indicado, há uma referência à cultura oriental pela menção ao budismo, o qual, de modo geral, nos remete à ideia de *desapego* ao que é material. O traço de modernidade repousa na figura do *doutor*, um dos símbolos da ciência, aquele que, possuindo o saber e a técnica adequados, *corta* nosso corpo com autoridade, invadindo nossa individualidade. A intervenção médica parece ineficiente e o *eu lírico* já não se importa com a *bicharia* que *rói* seu coração, principalmente após sua morte. Mesmo com a vida já *dissolvida*, repousando na *célula caída* e/ou no *óvulo infecundo*, haveria uma espécie de *vida-além*, transcendente, capturada e presente no *último verso* deixado no mundo.

Os contatos de Augusto dos Anjos com o pensamento cientificista já foram analisados por autores como José Paulo Paes¹⁶, Márcia Peters Sabino¹⁷ e Telma Cristina Fernandes¹⁸, entre outros. Contribuíram para esses contatos a condição socioeconômica inicial de Augusto e sua família, então proprietária de dois engenhos (Coité e Pau d'Arco) no interior da Paraíba, o que permitiu a aquisição de uma formação cultural sólida. Foi alfabetizado por seu pai, Alexandre dos Anjos, ainda no engenho Pau d'Arco. Estudou no Lyceu Paraibano, em João Pessoa, e, posteriormente, cursou Direito da renomada Faculdade de Recife, entre 1904-1907.

Na Faculdade de Recife, circulavam facilmente autores como Ernst Haeckel (1834-1919), Herbert Spencer (1820-1903), assim como nomes brasileiros tais como Sílvio Romero (1851-1914) e Clóvis Beviláqua (1859-1944). Como aponta Lília Schwarcz¹⁹, a chamada “Escola de Recife” estimulou um emprego “...das máximas deterministas a áreas distintas, como a literatura, a crítica e a poesia”. A atividade poética de Augusto dos Anjos, portanto, insere-se nesse conjunto de experiências.

Há biógrafos e críticos literários, tais como Aragão, Andrade e Leão²⁰, Rubert²¹, Vidal²² e/ou Nóbrega²³, que não deixam de considerar os condicionamentos socioeconômicos de

¹⁶ PAES, J. P. Augusto dos Anjos ou o Evolucionismo às Avessas. In: *Revista Novos Estudos CEBRAP*, nº 33, julho de 1992, p.89-102. Disponível em: <http://novosestudos.org.br/v1/files/upload/contents/67/20080625_augusto_dos_sanjos.pdf>. Acesso: jan 2021.

¹⁷ SABINO, M. P. *Augusto dos Anjos e a Poesia Científica*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

¹⁸ FERNANDES, T. C. D. D. *Uma Representação da Modernidade por Intelectuais Paraibanos (1830-1930)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

¹⁹ SCHWARCZ, 1993. p. 151.

²⁰ ARAGÃO, M. do S. de; SANTOS, N. M.; ANDRADE, A. I. de S. L.; BORGES, F. N. F. *Augusto dos Anjos – Uma Biobibliografia*. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 2008.

²¹ RUBERT, N. M. A. O Lugar de Augusto dos Anjos na Poesia Brasileira. *Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas*. PPG-LET-UFRRGS. Porto Alegre. Vol.03, N.02 – Jul/Dez 2007.

²² VIDAL, A. *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*. Editora José Olympio. 1967.

²³ NÓBREGA, H. *Augusto dos Anjos e sua Época*. João Pessoa. 2ª Edição. Editora Universitária/UFPB, 2012. p.45 (Org. ARAGÃO, Maria do Socorro; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão;).

Augusto dos Anjos e sua família e as possíveis/eventuais contribuições desses elementos para a estética poética que lhe rendeu renome, sintetizada em seu livro. Até mesmo traumas individuais, familiares, amorosos e/ou mesmo desordens psicológicas foram indicadas como possíveis *causas* para sua poética.

Entretanto, certos debates extrapolam o espaço que dispomos aqui, haja vista que nosso material de análise, nesse momento, são os versos e não necessariamente os aspectos biográficos do poeta que os escreveu. Reforçamos que nossa interpretação procura se afastar de explicações *psicologizantes* na medida exata em que almejamos nos aproximar de uma perspectiva de análise historiográfica.

Em nossa compreensão, isso significa que a presença de elementos tétricos nos versos de Augusto dos Anjos se torna mais inteligível quando analisada numa ótica historiográfica, o que, evidentemente, não exclui a fertilidade proporcionada por diálogos interdisciplinares, com pesquisas de outras áreas, sobretudo com a teoria e a crítica literária. Portanto, se é inegável a presença de elementos mórbidos em seus versos colhidos em livro, tal presença é trespassada pelos estratos temporais de sua historicidade. A morte, as epidemias, as doenças e as práticas de cura não são fenômenos puramente biológicos, orgânicos. Ao circularem no mundo humano, que é histórico, adquirem uma historicidade própria, sendo, inclusive, objeto de representação artística.

Compreender a historicidade de fenômenos como o da *morte* e a emergência e circulação de epidemias, doenças e práticas de cura, estimularam o surgimento de pesquisas significativas, tais como os estudos de Philippe Ariès²⁴, Fernando Catroga²⁵, José de Souza Martins²⁶, Antônio Mota²⁷, Susan Sontag²⁸, Flávio Edler²⁹, como destacamos anteriormente, entre outros. Em cada época e lugar, as doenças e o *morror* estimulam práticas e formas específicas de interpretação, reação e (re)significação: rituais e símbolos são elaborados, espaços (seja para tratamento/isolamento, seja para sepultamento/cremação) são erigidos ou

²⁴ ARIÈS, 2012.

²⁵ CATROGA, 1999.

²⁶ MARTINS, 1983.

²⁷ MOTTA, 2009.

²⁸ SONTAG, 1984.

²⁹ EDLER, 2006.

escolhidos. Logo, tanto as doenças em particular, como a morte em geral são intrinsecamente trespassadas pelos sentidos que marcam as *experiências* e as *expectativas* de cada época.

Desse modo, a apropriação e as representações que Augusto dos Anjos fez em sua poesia em relação aos corpos mortos e doentes não é um caso específico, único, inexplicável. Tal como afirmamos acima, a doença e a morte são fenômenos inscritos em cada regime de historicidade e são abordados através das mais variadas formas, inclusive por meio da arte em geral e da literatura e poesia, em particular. Por exemplo, autores como Cesário Verde (1855-1886), Álvares de Azevedo (1831-1852), Cruz e Souza (1861-1898), Charles Baudelaire (1821-1867) e João Cabral de Melo Neto (1920-1999) trataram de temáticas fúnebres em seus textos, cada qual ao seu modo.

Considerando as imagens literárias elaboradas por Augusto dos Anjos em seus versos, optamos por um recorte que visa discutir como esse poeta representou a tuberculose em um de seus textos poéticos, intitulado *Os Doentes*. A tuberculose foi muito comum no Brasil, por exemplo, entre fins do século XIX e até meados do século XX, como analisou Sheppard³⁰ e ainda se faz presente no século XXI. Essa doença também foi muito associada ao romantismo, vitimando escritores e poetas. Como Augusto dos Anjos acabou falecendo muito jovem, tornou-se um verdadeiro *lugar-comum* indicar tal doença como se ela tivesse sido sua *causa mortis*, o que não encontra respaldo em documentos biográficos colhidos por Alexei Bueno³¹.

Na próxima seção, analisamos através de quais imagens Augusto dos Anjos representou a tuberculose em seus versos, assim como procuramos identificar e discutir em sua atividade poética os sentidos históricos presentes nessas representações.

IMAGENS DA TUBERCULOSE NOS VERSOS DO POEMA “OS DOENTES”

As constantes e variadas representações sobre a morte e sobre as doenças, muito comuns na literatura e na poesia, também estão presentes em outras formas de arte, como a pintura, a música ou a escultura. Em nossa leitura, além de carregarem consigo os traços de seu estrato

³⁰ SHEPPARD, D. de S.: 'A literatura médica brasileira sobre a peste branca: 1870-1940'. *História, Ciências, Saúde* — Manguinhos, vol. VIII (1): 172-92, mar.-jun. 2001.

³¹ BUENO, A. Augusto dos Anjos: Origens de uma Poética. In: BUENO, A. (Org.). *Augusto dos Anjos: Obra Completa*. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1994., p.802.

temporal, terminam funcionando como uma manifestação contínua de uma sensibilidade próxima àquela inscrita na expressão latina *memento mori* (que pode ser traduzida livremente como *lembre-se da morte*).

Na medida exata em que a literatura e a poesia tomam como matéria-prima aquilo que existe ao redor do sujeito que escreve, matéria-prima essa acumulada, num dado presente, como *experiência*, ou elaborada/projetada como *expectativa* em relação ao futuro, lembrando, aqui, das categorias propostas por Koselleck³², estranho seria se poetas e literatos não tematizassem em suas obras um fenômeno tão comum, quanto o adoecer, e tão certo, quanto a morte. E isso, evidentemente, coloca ao leitor de uma obra que apresenta tal tema a possibilidade de refletir sobre esse traço de nossa historicidade.

Para a discussão que nos ocupa aqui, voltaremos nossa atenção para o poema *Os Doentes* de Augusto dos Anjos. Esse texto poético foi publicado de maneira inédita na primeira edição o *Eu*, em 1912. Nessa ocasião, Augusto dos Anjos e sua esposa, Ester Fialho dos Anjos, já não moravam mais na Paraíba, mas, sim, na cidade do Rio de Janeiro.

De modo geral, podemos afirmar que, em sua atividade mimética, Augusto dos Anjos recorre de maneira constante ao soneto como forma de expressão poética. Contudo, há certos textos seus que extrapolam os limites do soneto, configurando-se, então, poemas mais extensos³³. Nesses poemas mais longos é possível perceber imagens mais expressivas, assim como, em alguns casos, mais abstratas, relacionadas ao processo de dissolução de tudo e de todos que frequentemente é enunciado por seu *eu lírico*. O longo poema *Os Doentes* enquadra-se nesse cenário. Nele, o *eu lírico* passeia, como um *flaneur*, numa cidade à noite, atravessando seus espaços e observando seus personagens. Para Zenir Campos Reis,

[Vemos] o poeta percorrendo, à noite e até amanhecer, os lugares “doentes” de uma cidade. (...) Sugerimos um título para cada parte do poema (...): I – O Poeta; II – Contemplação da Paisagem Noturna; III – Os Tuberculosos; IV – Os Indígenas; V – Angústia e Desejo de Morte; VI – As Prostitutas; VII – Os Bêbados

³² KOSELLECK, 2006.

³³ Alguns exemplos disso são os poemas *Monólogos de uma Sombra*, *As Cismas do Destino* e *Gemidos da Arte*, publicados no *Eu*.

e os morféticos; VIII – O Cemitério, os Túmulos dos Negros e o Amanhecer; IX – A Desagregação e o sonho do surgimento de um mundo novo.³⁴

Para efeito de discussão, focaremos nossa atenção nos versos da terceira parte desse poema, que é composta por 15 estrofes, tendo em vista que é nesse momento que o poeta apresenta de forma direta algumas imagens acerca da tuberculose e sobre aqueles que por ela eram acometidos. Nesses versos vemos os traços estilísticos e temáticos que caracterizam sua poesia. Vejamos as três primeiras estrofes³⁵ da terceira parte desse poema:

Dormia em baixo, com a promíscua véstia
No embotamento crasso dos sentidos,
A comunhão dos homens reunidos
Pela camaradagem da moléstia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina
Aponevroses e tendões de Aquiles,
Restos repugnantíssimos de bÍlis,
Vômitos impregnados de ptialina.

Da degenerescência étnica do Ária
Se escapava, entre estrépitos e estouros,
Reboando pelos séculos vindouros,
O ruído de uma tosse hereditária.

No Brasil, a tuberculose já fora denominada como a *peste branca*. Nos dois últimos versos da primeira estrofe da terceira parte do poema, vemos como o aspecto contagioso da tuberculose é representado. A doença é apontada como uma moléstia *camarada*, haja vista misturar-se facilmente entre os homens reunidos em *comunhão*, sugerindo a ideia de aglomeração/reunião, de *amizade*, de experiências vividas em comum, por exemplo, no

³⁴ REIS, Z. C. (Org.) *Literatura comentada: Augusto dos Anjos. (Textos Selecionados, Estudo histórico-literário e atividades de compreensão e criação)*. São Paulo. Abril, 1982, p.38.

³⁵ ANJOS, A. dos. *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2011, p.132.

cotidiano do trabalho ou na vida boêmia. Segundo Sheppard, a tuberculose terminou espalhando-se com rapidez entre as classes mais pobres. Essa autora afirma ainda que:

A incidência de tuberculose no Brasil cresceu indubitavelmente desde 1850 [marcando forte presença, segundo a autora, até 1940], mas só em 1868 Otto Wücher, um dos mais famosos médicos no Brasil, levantou a questão de qual seria a causa de tal incidência. [...] Ele reconheceu que era uma doença tida como das cidades e achava que os mais suscetíveis a ela teriam herdado tal suscetibilidade. O fator mais importante a favorecer esta suscetibilidade, segundo ele, era a deterioração do meio de vida da maior parte da população [...]. O aumento da frequência da doença, neste caso, seria resultante do número de pessoas empobrecidas.³⁶

Na segunda estrofe dessa terceira parte do poema, por sua vez, vemos algumas imagens iniciais dos efeitos da doença no corpo. Este tornava-se alvo de uma bÍlis *repugnantÍssima*, a qual feria o *nervo ótico*, a *retina* e *os tendões de Aquiles*, impregnando o *vômito* expelido. Por fim, o *eu lírico* representa o sinal mais comumente associado àquele que padece da tuberculose, qual seja, a tosse contínua que, segundo os versos da terceira estrofe, *se escapava, entre estrépitos e estouros*, fazendo alusão aos sons emitidos enquanto se tossia. Esse aspecto faz alusão ao modo como a tuberculose é transmitida, pois, conforme Massabni e Bonini³⁷, “o agente etiológico [é expelido pelo ar], através da fala, da tosse ou do espirro”.

Em fins do século XIX e na virada para o século XX, a noção de *indivÍduo*, de *individualidade*, cultivada desde os primeiros momentos do que se convencionou denominar *modernidade*, foi reforçada em consonância com os ideais de uma sociedade que se queria *burguesa, liberal e moderna*. Com isso, tornou-se cada vez mais forte o desejo de perscrutar a própria individualidade (esse universo *interior* no qual o sujeito estaria contido e a partir do qual ele se expressaria), seja aprofundando o conhecimento sobre a dimensão psÍquica,

³⁶ SHEPPARD, 2001.

³⁷ MASSABNI, A. C.; BONINI, E. H. Tuberculose: história e evolução dos tratamentos da doença. *Revista Brasileira Multidisciplinar - ReBraM* (Uniará), v. 22, 2019. p.07.

subjetiva, seja sobre a dimensão orgânica, biológica, refletindo, então, o desenvolvimento dos saberes científicos e médicos da época.

Acerca desse desejo por explorar a subjetividade, criaram-se práticas que passaram a ser definidas como *escrita de si*³⁸, tais como a troca de cartas, a escrita de diários, de textos memoriais/autobiográficos. Georges Vigarello³⁹, por sua vez, analisou o interesse progressivo pelo *sentimento de si*, pela *cenestesia*, pela atenção em relação ao próprio corpo, por seus sons e seu funcionamento, inclusive a partir de uma ótica médica. A poesia de Augusto dos Anjos enquadra-se tanto nesse interesse pela dimensão *subjetiva*, inclusive marcada no próprio título do livro, *Eu*, quanto pelo interesse no *corpo*, no sentimento de si mesmo enquanto *coisa* cujo *bom funcionamento* é buscado, mas que está sujeito a doenças e à própria morte. Sobre isso, na quarta e na quinta estrofes da terceira parte, vemos:

Oh! desespero das pessoas tísicas,
Adivinhando o frio que há nas lousas,
Maior felicidade é a destas cousas
Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos grandes rocem
Seus corpos brutos, dores não recebem;
Estas dos bacalhaus o óleo não bebem,
Estas não cospem sangue, estas não tosem!⁴⁰

Na quarta estrofe, o *eu lírico* indica o *desespero*, o receio e o medo das *peessoas tísicas* ao observarem o frio das *lousas*, ou seja, das pedras com as quais se constroem túmulos, para onde, quase com certeza, iriam aqueles acometidos pela doença. Tais pedras é que seriam *felizes*, pois, submetidas apenas às *leis físicas*, não sentem *dores*. Os corpos, os indivíduos, ao contrário, adoecem, tomam remédios (como o *óleo de bacalhau*), *cospem sangue*, *tossem*: são

³⁸ GOMES, Â. de C. (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

³⁹ VIGARELLO, G. *O Sentimento de Si – História da Percepção do Corpo*. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2016.

⁴⁰ ANJOS, A. dos. *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2011, p.133.

conscientes de que estão doentes e da própria finitude. Em muitos casos, são testemunhas de seu próprio padecer.

Como dissemos, Augusto dos Anjos e sua esposa saíram da Paraíba para tentar a sorte no Rio de Janeiro, lá se instalando por volta de 1910, passando por dificuldades financeiras. Além disso, a cidade em si mesma apresentava contradições cada vez mais gritantes, tendo em vista o ritmo acelerado de sua própria modernização, de seu processo de urbanização e do aumento de sua densidade demográfica. Nesse cenário paradoxal, riqueza e miséria, saúde e doença, terminavam rondando a todos e, muitas vezes, dividiam o mesmo espaço, as mesmas ruas, praças, avenidas, bairros e locais de trabalho. Segundo Nicolau Sevcenko,

A insalubridade da capital, foco endêmico de varíola, tuberculose, malária, febre tifoide, lepra, escarlatina e sobretudo da febre amarela, já era tristemente lendária nos tempos áureos do II Reinado, sendo o Rio de Janeiro, cantado por um poeta alemão como “a terra da morte diária / túmulo insaciável do estrangeiro”.⁴¹

Por conta dessa aura que envolve os cenários urbanos, e mesmo as zonas rurais, não é estranho que Augusto dos Anjos tenha elaborado representações literárias, em seus versos, acerca da tuberculose, assim como sobre os corpos doentes e mortos. Tais doenças, como aquelas citadas por Sevcenko, certamente encontraram solo fértil e ambiente mais do que favorável para disseminação nas aglomerações urbanas.

Dessa forma, ainda que sejam problemas de origem biológica, orgânica, suas consequências são potencializadas em decorrência da configuração presente no meio social, no qual as pessoas vivem, bem como através das relações que estabelecem entre si. Assim sendo, posto que a cidade do Rio de Janeiro se tornava um importante centro político, social e econômico, os contingentes de pessoas que para lá se dirigiam, tal como o próprio Augusto dos Anjos e sua esposa, eram cada vez maiores. Ainda segundo Sevcenko,

⁴¹ SEVCENKO, N. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1999, p.52.

Assim, a maior cidade brasileira veria sua população no período de 1890 a 1900 passar de 522651 habitantes para 691565, numa escala impressionante de 33% de crescimento (3% ao ano!). Mas o mais notável é que esse mesmo ritmo extraordinário de crescimento se manteria e seria até mesmo elevado nos anos que se sucedem de 1900 a 1920, com a população do Distrito Federal passando de 691565 para 1157873 habitantes, realizando um crescimento de 68%, numa média anual de 3,2%.⁴²

Dalila Sheppard, ainda considerando a literatura médica brasileira acerca da tuberculose, também indica essa questão das aglomerações típicas dos grandes centros urbanos como um eficiente vetor de difusão da doença. A autora ressalta:

Em 1907, o dr. Mariano Dias, do Rio de Janeiro, fez suas as palavras de seus predecessores sobre a má nutrição e residência insalubre como fatores que predispunham à tuberculose: a pobreza criava condições para a doença. Ele argumentou, ainda, ser somente pobreza e não raça que predispunha uma pessoa a contraí-la, bem como a frequência com que se expunha à doença. Sendo assim, aqueles que frequentavam igreja, teatro e outros ajuntamentos públicos correriam maior risco de contrair tuberculose, se comparados aos que não frequentavam lugares de grande concentração humana.⁴³

As relações sociais, econômicas e culturais favorecem a contenção ou disseminação desta ou daquela doença. Contribuem para que um grupo tenha acesso pleno aos medicamentos, enquanto outros mal conseguem se alimentar, tornando-se mais vulneráveis a doenças de todo tipo. Conforme Flávio Edler,

⁴² SEVCENKO, N.. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1999, p.52.

⁴³ SHEPPARD, 2001.

As desigualdades sociais e culturais, herdadas do período colonial e acentuadas até o limite com a escravidão, se refletiram também no uso dos remédios. O acesso aos produtos das farmácias, boticas e drogarias – muitos deles importados – era quase somente uma prerrogativa dos brancos ricos. Os setores subalternos, formados pela imensa população [...] contavam com remédios caseiros, fórmulas feitas com ervas nacionais e outros produtos recomendados ou administrados por curandeiros, mezinheiros, barbeiros e sangradores.⁴⁴

Desse modo, uma doença como a tuberculose tinha sua nocividade efetiva literalmente multiplicada, não somente pelos limites da época, que influenciavam diretamente o desenvolvimento dos tratamentos médicos e farmacológicos, mas, também, pela situação marcadamente desigual na qual os grupos viviam, principalmente os menos privilegiados. Nos versos de Augusto dos Anjos, a tuberculose era assustadora. Vejamos a sexta, a sétima e a oitava estrofes da terceira parte do poema:

Descender dos macacos catarríneos,
Cair doente e passar a vida inteira
Com a boca junto de uma escarradeira,
Pintando o chão de coágulos sanguíneos!

Sentir, adstritos ao quimiotropismo
Erótico, os micróbios assanhados
Passearem, como inúmeros soldados,
Nas cancerosidades do organismo!

Falar somente uma linguagem rouca,
Um português cansado e incompreensível,
Vomitar o pulmão na noite horrível
Em que se deita sangue pela boca!⁴⁵

⁴⁴ EDLER, 2006, p.80.

⁴⁵ ANJOS, A. dos. *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2011, p. 133.

Na sexta estrofe vemos o receio daquele que estaria acometido pela tuberculose em “passar a vida inteira / com a boca junto de uma escarradeira / pintando o chão de coágulos sanguíneos”. É uma imagem forte, senão mesmo atemorizante. O aspecto crônico da doença é ressaltado, ou seja, dependendo das condições do organismo de um dado indivíduo, ele poderia *carregar* a doença consigo por algum tempo antes de falecer.

Não é difícil imaginar como isto dificulta o convívio social, mesmo entre familiares, haja vista o receio de espalhar/contrair a doença devido aos atos constantes de tossir/cuspir. A infecção e seu desenvolvimento são representados, na sétima estrofe, como uma verdadeira *invasão*, na qual os *micróbios assanhados* passeiam como *inúmeros soldados* debilitando todo o organismo.

Já na oitava estrofe, como uma das consequências do padecimento pela tuberculose e pelo avanço contínuo da infecção que debilita o organismo progressivamente, o indivíduo infectado parecia se comunicar através de um tipo de novo idioma, de uma nova língua, *rouca*, *cansada* e *incompreensível* dado o ritmo constante e contínuo das tosses que se sucedem, interrompendo e/ou impossibilitando o simples ato de falar.

Outra imagem tétrica mais forte, nesse momento do poema, encontra-se nos versos finais dessa estrofe, na qual o indivíduo, já extenuado de tanto tossir ininterruptamente, termina *vomitando* seu próprio pulmão enquanto *deita sangue pela boca*. Na sequência, vemos entre a nona e a décima primeira estrofes⁴⁶ dessa terceira parte do poema, outros elementos e referências ao corpo doente e debilitado pela tuberculose, cuja descrição de seus sinais físicos reforça o aspecto assustador dessa doença:

Expulsar, aos bocados, a existência
 Numa bacia autômata de barro,
 Alucinado, vendo em cada escarro
 O retrato da própria consciência!

Querer dizer a angústia de que é pábulo,
 E com a respiração já muito fraca

⁴⁶ ANJOS, A. dos. *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2011, p.133-134.

Sentir como que a ponta de uma faca,
Cortando as raízes do último vocábulo!

Não haver terapêutica que arranque
Tanta opressão como se, com efeito,
Lhe houvessem sacudido o peito
A máquina pneumática de Bianchi!

Antes de analisarmos os versos acima citados, retomamos a ideia de *cenestesia*, posto que ela era uma prática mediante a qual um indivíduo passava a atentar para o próprio corpo em busca de sinais ou sintomas de eventuais moléstias já existentes ou em vias de se manifestar. De maneira geral, através dessa ideia, nosso corpo físico, orgânico, dá sinais contínuos acerca de seu *bom* ou *mau* funcionamento, inclusive traduzindo no corpo até mesmo problemas psicológicos. Segundo Alain Corbin, a ideia de cenestesia residia na

[...] persistência de um neo-hipocratismo vulgarizado, que enfatiza os efeitos do ar, da água e da temperatura, [fazendo com que o] indivíduo espreita a influência do tempo e da estação sobre a facilidade e o ritmo da respiração, sobre a intensidade do reumatismo ou a estabilidade e o humor; desta forma, desenvolve-se uma espécie de meteorologia interna da “alma”.⁴⁷

O modo como Augusto dos Anjos elabora as imagens acerca da tuberculose não deixa de se aproximar dessa atenção *cenestésica*. Contudo, em seus versos, o *eu lírico* já não indica sinais ou sintomas de uma moléstia por vir, mas os efeitos em si mesmos causados por tal ou qual doença. Na nona estrofe, vemos a imagem aterradora do indivíduo que percebe sua vida esvaír continuamente “vendo em cada escarro / o retrato da própria consciência!”. Outro elemento forte, na décima estrofe, é a imagem que associa a *angústia* com a dificuldade de respirar, posto que a respiração, *já muito fraca*, parecia estar sendo cortada por uma *faca* que

⁴⁷ CORBIN, A. In: PERROT, M. *História da Vida Privada, 4 Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991, p.436.

impede o enunciar do *último vocábulo*. Por fim, na décima primeira estrofe, o *eu lírico* se entristece por não haver tratamento para a doença que lhe atinge e debilita.

Essa atenção *cenestésica* que é empregada por Augusto dos Anjos a contrapelo também é interpretada por Georges Vigarello⁴⁸ como um dos traços característicos da modernidade e da virada do século XIX para o século XX:

Sentimento novo, decisivo, [...] que permitiu a apropriação mais primitiva do corpo. [Através da cenestesia] existe um novo objeto: não mais “as” sensações que “não nos abandonam jamais”, não mais exclusivamente o esforço primário, mas “essa” impressão de uma secreta disponibilidade física, tão potencial, quanto acessível, global também, coincidindo com a própria consciência. Certeza obscura, sem dúvida, que, em contrapartida, existe antes de toda percepção e que permite todas as outras...

Como podemos observar, através dessa atenção *cenestésica* os indivíduos podem *ver*, *tocar* ou *ouvir* seus próprios corpos, podem investigar sinais ou possíveis sintomas. Isso, por um lado, é necessário para realizar uma espécie de *manutenção* do bom funcionamento de nosso corpo, de nosso organismo. Por outro lado, é através dessa mesma percepção que observamos mudanças em nós mesmos que podem nos incomodar, como os sinais típicos do envelhecimento, e, até mesmo, nos preocupar, como os sintomas de problemas de saúde iminentes, mesmo aqueles menos graves. Isso pode conduzir até a uma postura negacionista, no sentido de *negar*, ou *ignorar*, certos sintomas, para não sofrer.

Como indicamos acima, para Vigarello, essa atenção *cenestésica* não deixa de ser uma certeza *obscura*, não porque seja negativa em si mesma. Em nossa leitura, ela seria *obscura* por eventualmente nos colocar em contato com aquilo que não conhecemos, no caso das doenças, ou com aquilo que não podemos evitar, como o envelhecimento e a própria morte. Os versos de Augusto dos Anjos, portanto, podem incomodar justamente por indicar esses elementos, essa

⁴⁸ VIGARELLO, 2016, p.159.

inexorabilidade. Como afirmamos anteriormente, não se afasta muito da ideia de *memento mori*. A doença, de acordo com a ensaísta Susan Sontag,

[...] é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra, no reino da doença. Embora todos prefiram usar somente o bom passaporte, mais cedo ou mais tarde cada um de nós será obrigado, pelo menos por um curto período, a identificar-se como cidadão de outro país.⁴⁹

A poesia de Augusto dos Anjos, dessa forma, pode nos incomodar e até mesmo nos assustar porque indica, precisamente, essa outra *cidadania* da qual fala Susan Sontag. Entre a décima segunda e a décima quinta estrofes vemos mais algumas imagens dessa *outra cidadania*, desse *outro país*:

E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba
A erguer, como um cronômetro gigante,
Marcando a transição emocionante
Do lar materno para a catacumba!

Mas vos não lamenteis, magras mulheres,
Nos ardores danados da febre hética,
Consagrando vossa última fonética
A uma recitação de misereres.

Antes levardes ainda uma quimera
Para a garganta omnívora das lajes
Do que morrerdes, hoje, urrando ultrajes
Contra a dissolução que vos espera!

⁴⁹ SONTAG, 1984, p.05.

Porque a morte, resfriando-vos o rosto,
 Consoante minha concepção vesânica,
 É a alfandega, onde toda a vida orgânica
 Há de pagar um dia o último imposto!⁵⁰

Como podemos observar nessas estrofes finais da terceira parte do poema *Os Doentes*, o *eu lírico* associa a dificuldade de respirar, característica da tuberculose, com o ritmo de um *cronômetro* que, a cada instante, aproxima o indivíduo doente de sua morte iminente. Na décima terceira estrofe, o *eu lírico* diz ainda que, sendo um processo inexorável, de nada adiantaria relutar *contra a dissolução que vos espera!*.

A ideia de *dissolução* é muito recorrente na poética de Augusto dos Anjos. De maneira geral, não seria um processo *negativo* em si mesmo, mas um processo apenas inevitável, marcado pelo ciclo *vida-morte*. Esse ponto é bem marcado na décima quinta estrofe, pois como o *eu lírico* aponta, a morte “é a alfandega, onde toda a vida orgânica / há de pagar um dia o último imposto!”. Tal imagem poética não deixa de se aproximar da metáfora elaborada por Susan Sontag acerca da doença como *passaporte para outro país*.

Como afirmamos anteriormente, a morte, as epidemias e as doenças, sendo fenômenos biológicos, orgânicos, são vividos no meio do mundo humano, que é histórico. Por conta disso, tais fenômenos podem ser ressignificados das mais variadas formas: pode ser uma transição para um *estado* ou *condição* melhor no *pós-vida*, assim como podem ser interpretadas como uma espécie de *provação* ou *castigo*. Segundo Sontag,

As fantasias inspiradas pela tuberculose no século passado [séc. XIX, no caso], e pelo câncer agora, constituem reflexos de uma concepção segundo a qual a doença é intratável e caprichosa – ou seja, um mal não compreendido numa era em que a premissa básica da medicina é a de que todas as doenças podem ser curadas. Tal tipo de enfermidade é misterioso por definição. Pois, enquanto não se

⁵⁰ ANJOS, A. dos. *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2011, p.134.

compreendeu sua causa, e as prescrições dos médicos mostraram-se ineficazes, a tuberculose foi considerada uma insidiosa e implacável ladra de vidas.⁵¹

Nessa ótica que *mistifica* a doença, como bem apontou Maciel⁵², houve, inclusive, associações entre a tuberculose e a criação artística, literária. Influenciados por essas representações associativas, escritores como Casimiro de Abreu (1839-1860) e Rachel de Queiroz (1910-2003) “chegaram a ansiar pela tísica, tendo em vista os dotes intelectuais e interessantes que a doença supostamente proporcionava”. Ainda conforme Maciel,

A partir do século XX, no entanto, ocorre o declínio da associação entre a tuberculose e a criação artística, a partir de quando a doença passa a ser identificada, de forma mais clara, como preocupante problema de saúde, por sua persistência e propagação, particularmente entre as populações desfavorecidas. Relacionado a esse novo cenário, observou-se, também, a mudança de concepção sobre a enfermidade, passando de “mal romântico” a “mal social”, contexto que acabou convergindo para a *estigmatização* social do enfermo, a qual se perpetua, em grau distinto, até os dias atuais.⁵³

Nessa compreensão, as representações poéticas de Augusto dos Anjos aproximam-se desse cenário indicado acima por Sontag e Maciel. Os versos de Augusto dos Anjos, portanto, tematizando uma enfermidade real, terminam proporcionando a criação de imagens acerca da tuberculose que não deixam de contribuir para o imaginário a ela associado e que já estava em circulação em seu momento histórico.

Ainda conforme Sontag⁵⁴, “embora o modo mistificador da doença seja colocado contra um cenário [atual] de novas expectativas, a enfermidade em si (outrora a tuberculose, hoje o câncer) desperta tipos de pavor inteiramente obsoletos”. Desse modo, tanto a tuberculose

⁵¹ SONTAG, 1984, p.05.

⁵² MACIEL, M. S. et al. A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria. *Revista Brasileira de Clínica Médica*, v. 10, n. 3, p. 226-30, 2012.

⁵³ MACIEL, 2012, p.228.

⁵⁴ SONTAG, 1984, p.05.

quanto o câncer já tiveram papel relevante nesse imaginário, tal como também a AIDS e, em nosso tempo presente, a COVID-19.

Entre tais pavores *obsoletos*, estão, por exemplo, o ato de não dizer em voz alta (e/ou nem o nome completo) das doenças. Há também a prática de utilizar eufemismos, diminutivos ou outras formas de menção figurativa/depreciativa, como se, assim fazendo, a gravidade dessas patologias pudesse ser evitada, amenizada ou mesmo curada. Elencando os aspectos discutidos nas páginas precedentes, concluímos aqui nossas análises acerca das imagens poéticas que Augusto dos Anjos elaborou em seus versos e dos sentidos históricos que neles identificamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discutirmos os elementos elencados nas páginas precedentes, conseguimos atingir alguns dos objetivos propostos para esse trabalho. Inicialmente, procuramos elaborar breves considerações acerca da presença da morte na poética de Augusto dos Anjos, o qual já foi rotulado como *Poeta da Morte*, tendo em vista a estética e a temática de seus versos publicados em livro.

Na primeira seção de nosso trabalho, portanto, indicamos que ainda que a presença de aspectos fúnebres e macabros em seus versos seja inegável, tal característica não é a única expressa em sua atividade mimética. Aprofundar essa discussão custaria espaço maior do que dispomos, além de não ser um dos objetivos aqui perseguidos. Abordar essa questão em outro trabalho de modo mais pormenorizado poderá preencher essa lacuna.

Entretanto, indicamos que a presença dessa temática nos versos de Augusto dos Anjos não era uma particularidade sua, uma exclusividade inexplicável. Tal presença decorria dos contatos do poeta com o pensamento cientificista que circulava no Brasil em fins do século XIX e na virada para o século XX. Da mesma forma, a presença da temática *mórbida, funérea*, não é incomum na literatura, na poesia e nas artes em geral. Por conseguinte, a temática de seus versos torna-se mais compreensível ao investigarmos os sentidos históricos então expressos, ao invés de orbitarmos explicações *psicologizantes* que atrelam sua estética poética aos traumas pessoais ou possíveis desequilíbrios psíquicos.

Na segunda seção de nosso trabalho, identificamos e discutimos alguns sentidos históricos presentes nas representações literárias de Augusto dos Anjos acerca da tuberculose. Mostramos que essa doença já foi, e ainda é, bastante comum no Brasil, que em centros urbanos, como o do Rio de Janeiro, cidade onde Augusto dos Anjos residiu e publicou seu livro, havia condições propícias para a difusão e contágio, em decorrência das desigualdades sociais e do contingente de pessoas cujo número era progressivo. Indicamos que as imagens poéticas elaboradas por Augusto dos Anjos aproximam-se, a contrapelo, do que se convencionou chamar de *cenestesia*, ou seja, uma atenção progressivamente dedicada ao corpo e seus sinais.

A poesia de Augusto dos Anjos pode incomodar alguns leitores, dada sua temática e seu vocabulário rebuscado e técnico. Contudo, mais do que simplesmente assustar, sua poética parece acompanhar a ideia expressa na noção de *memento mori*. Sua poesia nos lembra que vamos adoecer e morrer, ressalta como isso é triste e doloroso, mas também reforça a ideia de que esse processo, além de inevitável, é natural. Por conta disso, seus versos também proporcionam a possibilidade de refletirmos sobre questões existenciais (e mesmo sociais) sobre a finitude, nossa e daqueles que nos cercam.

Em face de seus versos e dos temas que eles nos apresentam, podemos nutrir duas formas de indiferença. A primeira forma seria uma indiferença que nega os temas presentes em seus versos, visando evitar o incômodo e o desconforto que eles causam. É negar, ou ser indiferente, para tentar não sofrer, para não se preocupar. Uma segunda forma de indiferença, por sua vez, pode gerar outro tipo de negação, qual seja, aquela que nega o (ou é indiferente ao) sofrimento dos *outros*, ao passo em que tal sofrimento só é digno de nota e preocupação quando ocorre com um indivíduo/grupo específico, próximo, familiar.

Nesse segundo tipo de negação, de indiferença, enquanto aquilo que faz sofrer (doenças, como a tuberculose, as epidemias, como a da COVID-19, ou mesmo a miséria socioeconômica) atingir apenas os *outros*, indivíduos ou grupos subalternizados, desprivilegiados, que não são próximos ou familiares, apenas a insensibilidade e a falta de empatia são estimuladas e alimentadas. Temos visto sensibilidades que nutrem esses dois tipos de indiferença e negação, principalmente o segundo tipo, em nosso tempo presente, em meio ao contexto de pandemia da COVID-19 que temos vivenciado e tentado superar.

Ainda que a poesia de Augusto dos Anjos tenha sido escrita e publicada cem anos atrás, seus versos, suas imagens e representações ainda dizem muito sobre nossa condição, nossos anseios, temores e receios. Sua poesia, por fim, pode ser desconfortável, mas não deixa de possuir, também, uma função catártica, a qual não se distancia muito de uma função *terapêutica*.

REFERÊNCIAS

Obras Gerais

ANJOS, A. dos. *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2011.

ARAGÃO, M. do S. de; SANTOS, N. M.; ANDRADE, A. I. de S. L.; BORGES, F. N. F. *Augusto dos Anjos – Uma Biobibliografia*. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 2008.

ARIÈS, P. *História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira. 2012.

BUENO, A. (Org.). *Augusto dos Anjos: Obra Completa*. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1994.

_____. Augusto dos Anjos: Origens de uma Poética. In: BUENO, A. (Org.). *Augusto dos Anjos: Obra Completa*. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1994.

CORBIN, A. Bastidores. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da Vida Privada, 4 Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991. p.413-612.

CATROGA, F. *O Céu da Memória: Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra, Editora Livraria Minerva, 1999.

EDLER, F. C. *Boticas & Pharmácias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Casa da Palavra, 2006.

FERNANDES, T. C. D. D. *Uma Representação da Modernidade por Intelectuais Paraibanos (1830-1930)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

GOMES, Â. de C. (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

KOSELLECK, R. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro. 2006.

_____. *Estratos do Tempo: Estudos Sobre História*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto: PUC-RIO. 2014.

MACIEL, M. S. et al. A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria. *Revista Brasileira de Clínica Médica*, v. 10, n. 3, p. 226-30, 2012.

MARTINS, J. de S. *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo. Editora HUCITEC, 1983.

MASSABNI, A. C.; BONINI, E. H. Tuberculose: história e evolução dos tratamentos da doença. *Revista Brasileira Multidisciplinar - ReBraM (Uniará)*, v. 22, p. 6-34, 2019.

MOTTA, A. *À Flor da Pedra: Formas Tumulares e Processos Sociais nos Cemitérios Brasileiros*. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2009.

NAXARA, M. R. C. *Cientificismo e Sensibilidades Românticas: Em Busca do Sentido Explicativo para o Brasil no Século XIX*. Brasília. Editora UNB, 2004

NÓBREGA, H. *Augusto dos Anjos e sua Época*. João Pessoa. 2ª Edição. Editora Universitária/UFPB, 2012. (Org. ARAGÃO, Maria do Socorro; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão)

PAES, J. P. Augusto dos Anjos ou o Evolucionismo às Avesas. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, nº 33, julho de 1992, p. 89-102.

REIS, Z. C. (Org.) *Literatura comentada: Augusto dos Anjos. (Textos Selecionados, Estudo histórico-literário e atividades de compreensão e criação)*. São Paulo. Abril, 1982.

RUBERT, N. M. A. O Lugar de Augusto dos Anjos na Poesia Brasileira. *Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre. Vol.03, N.02 – Jul/Dez 2007.

SABINO, M. P. *Augusto dos Anjos e a Poesia Científica*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

SHEPPARD, D. de S. 'A literatura médica brasileira sobre a peste branca: 1870-1940'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VIII (1): 172-92, mar.-jun. 2001.

SEVCENKO, N. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1999.

SCHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

SONTAG, S. *A Doença como Metáfora*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984.

VIDAL, A. *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*. Editora José Olympio. 1967.

VIGARELLO, G. *O Sentimento de Si – História da Percepção do Corpo*. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2016.

Recebido em: 30/01/2021 – Aprovado em: 19/06/2021